

Pacientes com dificuldade até de sair de casa têm acesso dificultado a remédios

— Medicamentos em falta — A16

Pacientes relatam sofrimento e dor na busca por remédios

Pessoas com doenças crônicas como Parkinson, retocolite ulcerativa e lúpus têm dificuldade de encontrar medicamentos tanto em farmácias como em unidades de saúde. A escassez é provocada pelas dificuldades de importação causadas por lockdown na China, guerra na Ucrânia e greve em portos e aeroportos brasileiros.

Pacientes com dificuldade até de sair de casa têm acesso dificultado a remédios

— Falta prolongada atinge desde produtos básicos, como dipirona e antibióticos, a fármacos especializados e amplia drama e gastos de doentes por todo o País

LEON FERRARI

Eles precisam da medicação para sair de casa, se locomover e ter qualidade de vida, mas desde o início do ano conseguir os remédios virou um desafio. Peregrinação por farmácias e postos de saúde, dores e gastos fora dos planos entraram na rotina de pacientes de doenças crônicas, como Parkinson e lúpus. Eles são vítimas da crise de desabastecimento no setor farmacêutico que o Brasil vive nas últimas semanas.

Hospitais e farmácias, das redes pública e privada, relatam falta de produtos, desde os mais básicos, como antibióticos e dipirona, aos de alto custo. Secretarias de Saúde e entidades do setor relatam problemas no fornecimento pelo Ministério da Saúde e dificuldades de importação de insumos, por causa do lockdown na China e da guerra na Ucrânia.

A estudante Joyce Lopes, de 39 anos, parece reviver um pesadelo. Em julho de 2021, após quadros diários de febre, desmaios frequentes e anemia, o médico lhe receitou remédios biológicos para tratar retocolite ulcerativa. “Não me aguentava em pé.” Diagnosticada com a doença há dois anos, antes o tratamento era feito só com corticoides. Hoje, com azatioprina (oral) e infliximabe (intravenoso). “Voltei a ter vida.”

Mas Joyce, que mora em Guarulhos (SP), está sem infliximabe desde fevereiro. “Não consigo sair de casa, tenho muita diarreia. Vou mais de 20 vezes ao banheiro ao dia”, fala. “Sinto fraqueza, dores abdominais e articulares, o que dificulta minha locomoção. Não consigo fazer as coisas mais simples de serviço de casa, fico nervosa.” A retocolite ulcerativa é uma doença inflamatória, que atinge principalmente o intestino grosso.

“Horrrível”, descreve Eliane Cavalcante, de 54 anos, sobre ficar sem os remédios. “Os efeitos do Parkinson vêm de forma avassaladora. Eu suava, tremia demais. Quando acordava, tentava levantar da cama, mas não conseguia, estava toda rígida”, continua. O equilíbrio corporal também ficou

comprometido. Em um dia, ao estender roupas no varal, se sentiu trêmula e caiu em cima da lata de lixo.

Além do Prolopa, a aposentada Carmen Galuzzi, de 61 anos, fala que conseguir o Azilect nas farmácias de alto custo não tem sido fácil. Ela só não ficou sem o remédio por ter uma “reserva” e chegou a doar caixas a outros pacientes. Mas agora teme o fim do estoque.

Carmen também precisa do remédio Neupro, que custa R\$ 700 e não é cedido pelo SUS. A demanda mensal é de uma caixa desses adesivos, de 8 mg. Ela e o marido precisam ir a diversas farmácias da capital para encontrar o produto. Chegaram a ir até São Caetano, na região metropolitana, para adquirir uma caixa.

“A gente sempre teve faltas, mas não tanto como agora”, conta o aposentado Eduardo Tenório, de 48 anos, que convive com lúpus eritematoso sistêmico (doença autoimune), vasculite autoimune (inflamação dos vasos sanguíneos), hipertensão e, desde agosto, com uma ferida aberta na perna esquerda. Ele conta tomar 30 tipos de medicações e 46 comprimidos ao dia. Se tirasse tudo do bolso, seria cerca de R\$ 10 mil.

Causa
Entidades apontam dificuldade de importação por causa da guerra na Ucrânia e lockdown chinês

Tenório relata enfrentar, desde janeiro, dificuldades para conseguir analgésicos, antibióticos, placas especializadas e insumos básicos, como gaze e ataduras. “Quando consigo pegar (dipirona), não é nem um terço do que preciso por mês”, fala.

DESABASTECIMENTO. A Secretaria de Saúde de Guarulhos disse que o lockdown na China e a guerra na Ucrânia têm prejudicado a produção. “Muitos laboratórios já deixaram de fabricar remédios básicos, como a dipirona, por tempo indeterminado”, informou. A pasta disse se esforçar para, aliada a fornecedores, dimi-



Eliane Cavalcante sofreu com falta do medicamento Prolopa: ‘Efeitos do Parkinson são avassaladores’

Saiba mais

● Caminhos a seguir

Médico sanitário e vice-presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), Claudio Maierovitch diz que faltas pontuais de fármacos, em geral relacionadas a fatores de produção e mercado, sempre ocorreram. “É de se estranhar quando começa a haver uma falta prolongada de vários tipos de medicamento.”

Ele aponta que em casos de falta de fármacos é necessário prever ou reagir de forma rápida – o que não parece ter acontecido, avalia – e procu-

nir o problema.

A Prefeitura de São Paulo informou que as unidades básicas de saúde estão abastecidas com ciprofloxacino, dipirona e prolopa (levodopa + benserazida), e que o antibiótico clindamicina “tem entrega prevista para as próximas semanas”.

A Secretaria de Estado da Saúde de SP relatou que, desde o ano passado, os medicamentos de responsabilidade federal têm sido abastecidos com atrasos e entregas parciais. Conforme a Coordenadoria de Assistência Farmacêutica (CAF) da pasta da saúde, o Infliximabe, de responsabilidade do Ministério da Saúde, foi distribuído de forma parcial

rar alternativas. “Buscar outros fornecedores seja do próprio medicamento ou de matéria prima. São poucos medicamentos que tem fornecedor único no mundo.”

O médico sanitário e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Walter Cintra, por sua vez, destaca que é preciso mais investimentos para que o País se torne autônomo na produção de remédios. “Ficou claro nessa pandemia que o País precisa ter uma política pública de se tornar mais independente das cadeias de produção internacional”, afirma o especialista. “Nós estamos em um nível de dependência muito perigoso.”

no 1.º trimestre deste ano. Já o Rasagilina/Azilect, também de ver federal, teve distribuição de apenas 28% referente ao primeiro trimestre.

DISTRIBUIÇÃO. O Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) informou haver “irregularidades” no abastecimento de alguns itens – sem listar quais – e diz interceder com o Ministério da Saúde em relação ao problema. Procurado pela reportagem, o ministério não respondeu. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), por sua vez, destacou não atuar nas relações comerciais de aquisição e distribuição de medicamentos pelo

Ministério da Saúde ou por empresas privadas. No entanto, disse monitorar o mercado “a fim de avaliar o risco de desabastecimento ou restrição de acesso a medicamentos resultante de descontinuação de fabricação ou importação”.

Já o Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma) afirma não ter recebido dos associados relatos de problemas do tipo. “Sobre os relatos de falta de medicamentos em hospitais, existe o caso da dipirona injetável e a questão da alta demanda pontual no âmbito dos hospitais públicos, o que pode explicar os problemas relatados”, declarou, em nota.

A UCB Biopharma – fabricante do Neupro, remédio não distribuído pelo SUS – diz que recentemente houve “instabilidade” na distribuição para algumas farmácias, mas que a situação já foi normalizada. A Federação das Santas Casas e Hospitais Beneficentes de São Paulo (Fehosp) disse que, entre os associados, houve desabastecimentos em todas as regiões do Estado em março. “Estamos em uma luta árdua e diária para encontrar medicamentos similares aos que estão faltando em nossos hospitais. Ainda não temos previsão de quando a situação se normalizará”, afirmou, em nota, o diretor presidente da Fehosp, Edson Rogatti. ●

China trava cadeia global de produtos
Páginas A22 e A23

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrôpole Caderno: A Página: 16